

O CARÁTER MULTIFUNCIONAL DO VOLITIVO *QUERER* EM GÊNEROS JORNALÍSTICOS¹

Gabriela do Couto Baroni²

Resumo: Este trabalho, de base linguística funcionalista, destina-se à análise dos usos do verbo volitivo *querer* nos gêneros textuais *artigo de opinião* e *entrevista*. Entre os princípios centrais do funcionalismo, o da gramaticalização é o que norteia a nossa pesquisa. Pertinente a esse princípio, o contínuo *Verb-to-TAM*, proposto por Heine (1993), nos auxiliará a identificar possíveis estágios de gramaticalização para o volitivo citado. Ao contrário do que sugerem as abordagens tradicionais, que tratam as categorias como discretas, o autor afirma haver uma gradação, composta pelos estágios de A a G, que caracteriza a passagem de **verbo** pleno a marcador de **T**empo, **A**specto e **M**odo (*Verb-to-TAM*). Com base nessa proposta, classificaremos os usos de *querer* nesses estágios, a fim de observar como esse verbo tem sido utilizado pelos falantes do português brasileiro – se como pleno ou se mais próximo da auxiliaridade.

Palavras-chave: Funcionalismo linguístico. Gramaticalização de verbos. Verbo volitivo.

Abstract: This functionalist linguistics supported paper aims to the analysis of the uses of the volitive verb *want* in the *opinion article* and *interview* genres. Among the main Functionalism principles, grammaticalization was taken to head this research. Relevant to this principle, the *Verb-to-TAM* continuum, proposed by Heine (1993), will support the identification of possible grammaticalization stages of the aforementioned volitive. Unlike what is suggested by traditional approaches, which look at the categories as discrete, the author claims that there is a gradation, composed by the stages from A to G, which characterize the passage from plain **verb** to **T**ime, **A**spect and **M**anner (*Verb-to-TAM*) marker. Based on this proposal, the uses of *want* in these stages will be classified in order to observe how this verb has been applied by the speakers of Brazilian Portuguese – whether as plain verb or more as an auxiliary.

Keywords: Linguistic functionalism. Verb grammaticalization. Volitive verb.

Introdução

No presente estudo, buscamos observar os usos do verbo volitivo *querer* em dois gêneros textuais do domínio discursivo jornalístico, quais sejam: o artigo de opinião e a entrevista.

¹ Este artigo é parte da dissertação de mestrado intitulada “O caráter multifuncional de verbos volitivos do português do Brasil em gêneros jornalísticos”, defendida em 2011 na UFES.

² Mestre em Estudos Linguísticos pela UFES.

Os verbos volitivos, como explica Cezario (2001, p. 155), são aqueles que expressam a vontade do referente-sujeito. Essa vontade, segundo a autora, refere-se a uma ordem sobre outro ser (como é o caso, por exemplo, dos volitivos *querer*, *mandar*, *deixar* e *exigir*), a um desejo do referente-sujeito de que algo aconteça ou se dê para ele mesmo (como em *querer* e *desejar*), a uma permissão (como em *deixar*) ou, ainda, a um pedido (como em *querer* e *pedir*). Os verbos *querer*, *exigir*, *mandar*, *deixar*, *desejar*, *pedir*, *preferir*, *esperar*, *pretender*, *gostar* e *almejar* são exemplos de volitivos no português brasileiro.

O aporte teórico que norteia esta pesquisa é o da linguística funcionalista de orientação norte-americana, que adota a concepção de uma linguística centrada no uso e sugere que as funções externas ao sistema linguístico é que definem as categorias gramaticais.

Entre os princípios centrais do funcionalismo, o da gramaticalização é o que apresenta maior relevância para este trabalho. Atinente a esse princípio, o contínuo *Verb-to-TAM*, proposto por Heine (1993), nos auxiliará a identificar possíveis estágios de gramaticalização para o verbo volitivo *querer*. Diferentemente das abordagens tradicionais, que tratam as categorias como discretas, o autor assevera haver uma gradação e, por conseguinte, diferentes estágios que caracterizam a trajetória de **verbo** pleno a marcador de **Tempo**, **Aspecto** e **Modo** (*Verb-to-TAM*). Esses estágios, num total de sete, foram denominados por Heine (1993) de Estágio A, Estágio B, e assim sucessivamente, até o Estágio G.

De acordo com essa proposta, os verbos, ou os usos desses verbos, classificados nos Estágios A ou B são considerados plenos e não devem ser tratados como casos de gramaticalização. Por sua vez, os verbos classificados em alguns dos estágios seguintes – de C a E – são tratados como itens em processo de gramaticalização. Os Estágios F e G, finais do contínuo, são aqueles em que o item verbal já se tornou afixo ou flexão. Por hipótese, tanto o Estágio F como o Estágio G não serão encontrados entre os resultados de nossa análise.

Para proceder à pesquisa, elegemos como *corpus* 47 (quarenta e sete) artigos de opinião e 47 (quarenta e sete) entrevistas publicados pela revista *Veja*, de circulação nacional, entre os anos de 2007 e 2009. O material foi coletado diretamente do sítio eletrônico da revista (<http://veja.abril.com.br/arquivo.shtml>), que disponibilizou, por comemoração dos seus quarenta anos, todas as edições publicadas a partir do ano de 1968.

No primeiro momento deste trabalho, realizamos uma breve apresentação do referencial teórico que estamos utilizando. No segundo momento, apresentamos alguns resultados da análise. Este, porém, é apenas o recorte de uma pesquisa maior que resultou na nossa dissertação de mestrado. Discussões mais amplas foram realizadas em outro momento e podem ser consultadas diretamente no trabalho original.

Funcionalismo e Gramaticalização

O funcionalismo contemporâneo é uma corrente de estudos linguísticos que concebe a língua como um instrumento de interação social, contrapondo-se, nesse sentido, ao formalismo. Para os funcionalistas, a língua não pode ser estudada como um objeto autônomo e desvinculado do seu uso pelos falantes, como propõem os formalistas. Ao contrário, ela deve ser observada e estudada sempre a partir das diferentes situações comunicativas reais, sejam elas orais ou escritas.

Com relação à linha de estudo funcionalista, esta pesquisa faz a opção pela de origem norte-americana, que tem como alguns de seus representantes Talmy Givón, Sandra Thompson, Wallace Chafe, Paul Hopper e Elizabeth Closs Traugott. Além desses, Bernd Heine e Tania Kuteva, da Alemanha, seguem o mesmo modelo de estudo. No Brasil, a concepção de uma linguística centrada no uso, como propõem os funcionalistas norte-americanos, pode ser encontrada nos trabalhos de Mário Eduardo Martelotta, Sebastião Josué Votre, Maria Maura Cezario, Maria Angélica Furtado da Cunha e Mariângela Rios de Oliveira, para citar alguns.

Como notou Furtado da Cunha (2009, p. 158), em resumo, duas propostas básicas marcam o modelo funcionalista de análise linguística: “a) a língua desempenha funções que são externas ao sistema linguístico em si; b) as funções externas influenciam a organização interna do sistema linguístico” e, nesse aspecto, de um modo um pouco mais radical do que outras linhas de estudo, os autores supracitados defendem a concepção de que as funções externas é que definem as categorias gramaticais.

A investigação de caráter funcionalista ultrapassa os limites da estrutura gramatical e busca na situação comunicativa real, seja ela oral ou escrita, a compreensão para os fatos da língua. Os métodos descritivos que analisam a gramática a partir do estudo de cláusulas (sentenças) isoladas são tidos como insuficientes pelo funcionalismo e, de acordo com Givón (2001), devem ser suplementados com o estudo da gramática em seu contexto comunicativo natural, que envolve os interlocutores e seus propósitos. Considerando, pois, a importância do contexto de uso, o funcionalismo, como esclarece Furtado da Cunha (2009), trabalha primordialmente com dados reais de fala ou escrita extraídos de contextos efetivos de comunicação, evitando lidar, em suas análises, com frases criadas ou dissociadas de sua função no ato comunicativo.

Ainda conforme a autora, para os funcionalistas, as gramáticas das línguas, de um modo geral, apresentam padrões morfossintáticos estáveis, já sistematizados pelo uso, ao lado

de mecanismos de codificação emergentes, que se ajustam às necessidades comunicativas e cognitivas dos usuários da língua. Nesse sentido, segundo Martelotta (2006), os falantes tendem a criar novas formas para exprimir novas situações ou a utilizar um novo termo em lugar de outro já desgastado pelo uso, instaurando um processo de variação e mudança nas línguas.

Entre os vários processos de mudança que podemos encontrar, está a gramaticalização. Neste estudo, a concepção de gramaticalização adotada é aquela vista em Heine (1991; 2003), Hopper e Traugott (1993), Martelotta et alii (1996), Brinton e Traugott (2005), Martelotta (2006) e Furtado da Cunha (2009). Os autores concordam entre si ao admitirem a gramaticalização como um processo em que “itens lexicais ou construções sintáticas, em determinados contextos, passam a assumir funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais” (FURTADO DA CUNHA, 2009, p. 173). Nessa concepção, o termo gramaticalização pode ser tomado em dois sentidos relacionados: a) a trajetória de elementos do léxico à gramática como, por exemplo, a passagem de verbo pleno para verbo auxiliar; b) a trajetória de categorias menos gramaticais para categorias mais gramaticais como, por exemplo, a passagem de advérbio para conjunção: “Ele vai chegar *logo*” (advérbio); “Penso, *logo* existo” (conjunção) (cf. MARTELOTTA, 2003; 2006).

A principal motivação para a gramaticalização, de acordo com Heine (1993), é a comunicação bem-sucedida. O autor explica que, para atingir seus objetivos comunicativos, o falante tem como estratégia possível a utilização de formas linguísticas de sentido concreto, facilmente acessível e claramente delineado para expressar conceitos que são mais abstratos, mais dificilmente acessíveis e menos claramente delineados (léxico > função gramatical). Ainda segundo Heine (2003, p. 579), em termos técnicos, a gramaticalização de uma expressão linguística envolve quatro mecanismos inter-relacionados:

- (i) *dessemantização* (ou *bleaching*, redução semântica): perda de conteúdo semântico.
- (ii) *extensão* (ou generalização de contextos): uso da forma em novos contextos.
- (iii) *deategorização*: perda de propriedades morfossintáticas características da forma-fonte, incluindo a perda de *status* de palavra independente (clitização, afixação).
- (iv) *erosão* (ou redução fonética): perda de substância fonética.

De forma interessante, o autor ressalta que cada um desses itens refere-se a um diferente aspecto da estrutura ou uso da língua. Assim, como explica, a *dessemantização* está

relacionada à semântica; a *extensão* está relacionada à pragmática; a *decatégorização* diz respeito à morfossintaxe e a *erosão*, por sua vez, está ligada à fonética.

Entre as análises privilegiadas nos estudos sobre gramaticalização, importa-nos, para esta pesquisa, aquela que se refere à trajetória de elementos do léxico à gramática, ou, mais precisamente, à passagem gradual de verbo pleno para verbo auxiliar. Para tratar do tema, recorreremos à proposta de Heine (1993), apresentada na seção seguinte.

Gramaticalização de verbos: a proposta de Heine (1993)

Como afirmamos anteriormente, as abordagens tradicionais tratam as categorias *verbo pleno* (principal) e *verbo auxiliar* como discretas. Heine (1993), no entanto, propõe haver sete estágios que caracterizam a trajetória gradual de **verbo** pleno a marcador de **Tempo**, **Aspecto** e **Modo** (*Verb-to-TAM*). Esses estágios foram denominados pelo autor de A, B, C, D, E, F e G, aos quais estão subjacentes as quatro mudanças que acontecem nos níveis da semântica, da morfossintaxe, da morfofonologia e da fonética, respectivamente: a *dessemantização* (perda ou esvaziamento de conteúdo semântico); a *decatégorização* (mudança de classe gramatical ou perda de propriedades morfossintáticas características dessa classe); a *clitização* (integração do item ao verbo principal) e a *erosão* (perda de substância fonética). Conforme Heine (1993, p. 58), a *dessemantização* precede todas as demais mudanças, já a *clitização* e a *erosão* comumente são os dois últimos processos a serem desencadeados.

Para cada um dos estágios, de A a G, Heine (1993) aponta diferentes características que podem ser observadas nos usos dos verbos. Para o propósito deste trabalho, sintetizamos e agrupamos as características propostas pelo autor, conforme o quadro 1:

Estágio	Características	
A	01	O verbo apresenta significado lexical completo.
	02	O complemento do verbo é um objeto concreto.
B	03	O complemento do verbo refere-se a uma situação dinâmica e não a uma entidade.
	04	Embora também aceite complementos nominais, o item verbal apresenta como complemento verbos não-finitos: infinitivo, gerúndio ou particípio.
	05	O sujeito, entre o verbo e o complemento, não é idêntico.
	06	O complemento consiste de uma construção clausal em vez de um verbo na forma não-finita.
C	07	O sujeito não é um referente humano.
	08	O verbo expressa apenas as noções de tempo, aspecto ou modo (ou seja, começa a perder conteúdo lexical).
	09	O verbo está fortemente associado ao seu complemento na forma não-finita. Ainda que o complemento seja um substantivo, é provável que ele se refira a uma atividade ou denote um evento.
	10	O sujeito, entre o verbo e o complemento, é idêntico.
	11	O verbo e o seu complemento referem-se ao mesmo tempo.
	12	A capacidade do verbo de expressar, simultaneamente, as distinções de tempo, aspecto e modo (" <i>TAM distinctions</i> ") é, de certa forma, reduzida, ainda que por razões de compatibilidade semântica ou morfológica.
	13	O verbo e o complemento representam uma só unidade semântica.
D	14	O verbo perde sua capacidade de formar imperativos, de ser nominalizado ou de ficar na voz passiva.
	15	O verbo não apresenta mais um substantivo como complemento.
	16	O verbo tem como complemento apenas um tipo de forma verbal não-finita.
E	17	O item verbal perde sua capacidade de ser negado.
	18	Os processos de <i>erosão</i> e de <i>clitização</i> começam a ser desencadeados e, como efeito, o verbo, além de perder substância fonológica, perde também seu <i>status</i> de palavra.
F	19	O complemento do verbo passa a ser interpretado como verbo principal.
	20	O <i>status</i> do item verbal muda de clítico para afixo.
G	21	O verbo original torna-se simplesmente um marcador gramatical incapaz de apresentar tom ou intensidade. O que era um afixo no Estágio F torna-se agora uma flexão.

Quadro 1: Características dos estágios do contínuo *Verb-to-TAM*.

Considerando se tratar de abordagens muito distintas, Heine (1993, p.65) alerta que é difícil relacionar os sete estágios do contínuo *Verb-to-TAM* às taxonomias ortodoxas. Todavia, como acrescenta, algumas correspondências podem talvez ser estabelecidas: nos *Estágios A e B*, os verbos podem ser referidos como lexemas ou verbos plenos; no *Estágio C*, eles são chamados quase-axiliares, semi-axiliares ou catenativos; nos *Estágios D e E*, os verbos são mais firmemente associados à noção de auxiliaridade; no *Estágio F*, os verbos são auxiliares ou afixos e, por fim, no *Estágio G*, eles são afixos ou flexões.

Como esclarece Heine (1993, p. 65-66), a maioria dos itens associados ao “status” de auxiliar combina, simultaneamente, mais de um estágio ao longo do contínuo *Verb-to-TAM*. Esses itens, segundo o autor, revelam, comumente, dois usos principais: um como verbo principal e outro como verbo com valor mais gramatical. Ainda conforme explica, nos casos em que um dado item demonstra diferentes usos que são separados por muitos estágios, como acontece com os itens que apresentam usos característicos dos Estágios A e D (itens A/D) ou dos Estágios B e E (itens B/E), por exemplo, pode-se dizer que o “verbo” e o “auxiliar” tem se distanciado a ponto de serem considerados unidades linguísticas distintas. É o que acontece, de acordo com o autor (p. 66), com os verbos *use* (usar) e *have* (ter), do inglês, que, em certos usos, podem ser exemplos de itens A/D:

A	D
He <i>used</i> all the money. (Ele usou todo o dinheiro)	He <i>used</i> to collect his mail daily. (Ele costumava coletar suas cartas diariamente)

Heine (1993, p. 86-87) ressalva, também, o fato de que, ao tratar dos auxiliares, ele está se referindo ao resultado particular de um processo cognitivo pelo qual conteúdos concretos são empregados para expressar conceitos gramaticais abstratos. O maior resultado linguístico desse processo, de acordo com o autor, pode ser notado por meio do contínuo *Verb-to-TAM*, que tem como extremos uma estrutura lexical e uma estrutura completamente gramaticalizada e que, em resumo, pode ser esquematizado por meio das seguintes propriedades:

Domínio:	Ponto de partida	Ponto final
Semântica:	Significado verbal completo	Função gramatical
Sintaxe:	Alto grau de variabilidade	Posição fixa
Morfologia:	Flexionado para TAM, pessoa, número, negação, etc. Palavra livre	Elemento invariável Afixo

Fonologia:	Forma completa	Forma reduzida (tipicamente monossilábica)
-------------------	----------------	--------------------------------------------

Quadro 2: Algumas propriedades do contínuo *Verb-to-TAM*.

Fonte: Heine (1993, p.87)

Orientados pela proposta de Heine (1993) de que existem diferentes estágios ao longo do contínuo *Verb-to-TAM* nas línguas, propusemo-nos a observar os distintos estágios em que se encontra o verbo volitivo *querer* no português brasileiro. O nosso objetivo, desse modo, não é apenas constatar uma possível trajetória de gramaticalização para esse verbo, mas perceber como ele tem sido usado pelos falantes, se como pleno ou se com alguns traços de auxiliaridade.

Metodologia

Para o propósito desta pesquisa, agrupamos e sintetizamos as características apresentadas por Heine (1993) para cada um dos sete estágios, conforme apresentado no quadro 1. Para cada grupo de características foi atribuída uma única pontuação, que equivale a 0 (zero), para o Estágio A, e que varia de 0 (zero) a 1 (um) para os demais estágios. Desse modo, por exemplo, ainda que determinado uso do verbo apresente mais de uma característica pertencente ao Estágio C, ele receberá a pontuação apenas uma vez. No caso de ausência de característica, a pontuação será 0 (zero). O Estágio A é o único que possui pontuação diferenciada: a presença ou ausência de característica será sempre pontuada com 0 (zero). O quadro abaixo ilustra o modo de atribuição das pontuações:

Característica do Estágio	Apresenta	Não apresenta
A	0	0
B	1	0
C	1	0
D	1	0
E	1	0
F	1	0
G	1	0

Quadro 3: Atribuição de pontuação para cada um dos estágios do contínuo *Verb-to-TAM*

As pontuações atribuídas somam de 0 (zero) a 6 (seis) e equivalem a cada um dos sete estágios propostos por Heine (1993), da seguinte forma:

Estágio	A	B	C	D	E	F	G
Pontuação	0	1	2	3	4	5	6

Figura 1: Equivalência entre pontuação e estágios do contínuo *Verb-to-TAM*.

Uma vez que Heine (1993) atribui um número diferente de características para cada estágio, a finalidade de se estabelecer a mesma pontuação para os estágios de B a G é manter o equilíbrio de peso e valores entre eles. Como os estágios E e F, por exemplo, apresentam apenas duas ou três características e o Estágio C, por sua vez, possui cerca de seis ou sete, pontuar individualmente cada uma das características conferiria mais peso a determinado estágio do que a outro.

O Estágio A, em especial, foi pontuado de forma diferente pelo seguinte motivo: se fosse conferida aos estágios de A a G uma soma de 1 a 7, e não de 0 a 6, e, porventura, certo uso de um verbo não apresentasse uma característica de A (verbo pleno), mas apresentasse de B (verbo com alguns traços de auxiliaridade), por exemplo, esse verbo receberia 1 (um) ponto, referente à característica de B, no entanto, seria classificado como pertencente ao Estágio A (1-A, 2-B, ..., 7-G). Assim, mantendo-se a pontuação do Estágio A constantemente como 0 (zero), evitamos esse tipo de desvio, pois, se o verbo possui somente traços de A, ele é marcado com esses traços (0 ponto) e classificado nesse estágio. Por outro lado, se esse mesmo verbo não apresenta alguma das características de A, ele é novamente marcado com 0 (zero), sem, contudo, interferir na pontuação dos demais estágios.

Como se observa no quadro 1, as características de cada estágio foram identificadas por um número, de 1 (um) a 21 (vinte e um). Tendo em conta que os estágios receberam uma pontuação única para o conjunto de características, esses números, de 1 (um) a 21 (vinte e um), auxiliam-nos, no momento da análise, a registrar que característica foi identificada e está recebendo a pontuação, como demonstra o exemplo:

Verbo QUERER – Artigos de opinião Contexto	Característica do Estágio							Total
	A	B	C	D	E	F	G	
Se o Congresso quiser retomar sua importância e dignidade, proponho uma série de discussões sobre os seguintes temas: (...). Edição 2020, 08/08/2007.	0	1	1	1	0	0	0	3
	1	3, 4	7, 9, 10	14	-	-	-	D

Desse modo, os números de 0 (zero) a 1 (um) registrados na linha de cor branca referem-se à pontuação atribuída a cada estágio. Os números na linha em cinza, por sua vez, dizem respeito às características do estágio que foram identificadas. Registrar individualmente cada uma dessas características nos permite observar quais delas têm sido mais recorrentes em cada estágio. A coluna “Total”, por fim, indica a soma dos pontos e o estágio correspondente no contínuo *Verb-to-TAM*.

Todas as vezes em que o verbo *querer* foi encontrado nos artigos de opinião e nas entrevistas pesquisadas, o trecho do qual ele participava foi destacado e análise foi procedida conforme mostramos no último exemplo.

Análise dos dados

Foram encontradas 54 (cinquenta e quatro) ocorrências do verbo *querer* nos artigos de opinião e 148 (cento e quarenta e oito) nas entrevistas, em um total de 47 (quarenta e sete) textos pesquisados em cada gênero.

No entanto, é necessário ressaltar que, em número de palavras, as entrevistas pesquisadas são bem maiores do que os artigos de opinião. Enquanto as entrevistas, somadas, registram 90.687 (noventa mil, seiscentas e oitenta e sete) palavras, os artigos de opinião, somados, totalizam apenas 40.228 (quarenta mil, duzentas e vinte oito), o que equivale a menos da metade do número das entrevistas.

Uma vez que quantidade de palavras é maior nas entrevistas, é natural que o verbo *querer* possa ser usado um maior número de vezes nesse gênero. Isso não significa, contudo, que ele seja mais freqüente ou *tão* mais freqüente do que nos artigos de opinião, como sugere o resultado final (148 verbos nas entrevistas e 54 nos artigos de opinião). É necessário, deste modo, observarmos a média de uso do verbo em cada um desses gêneros.

Verificados esses dados, é possível constatar que a média de ocorrência de *querer*, a cada 10.000 (dez mil) palavras, é bem próxima nos dois gêneros: ele aparece cerca de 16,31 (dezesesseis vírgula trinta e uma) vezes nas entrevistas e de 13,42 (treze vírgula quarenta e duas) vezes nos artigos de opinião.

No que se refere ao sentido, o Minidicionário Aurélio da Língua Portuguesa (2004) lista cerca de vinte significados para o verbo *querer*. Em nosso *corpus*, os mais recorrentes identificados para esse verbo foram: *desejar* (na grande maioria dos casos); *pretender*; *ter a intenção de*; *tencionar*; *ter vontade de* e, em pouquíssimos casos, *ordenar* e *exigir*. Entretanto, constatamos que, prevalentemente, um grupo de significados, e não apenas um, pode ser

conferido a uma mesma ocorrência do verbo. Assim, torna-se difícil e, por vezes, subjetivo, determinar com exatidão qual era o sentido pretendido pelo falante no momento da produção do texto. O trecho seguinte é um exemplo desse fato. Nele, podemos associar ao verbo *querer*, pelo menos, quatro significados: *desejar*, *pretender*, *ter a intenção de* e *ter vontade de*:

- (1) O que **quero** discutir aqui é a razão por trás da sua escolha, o raciocínio que determinou a decisão de postergar o cinema com os filhos. Você fez essa opção porque no fundo sabe que seus filhos o amam. E, porque o amam, eles entenderão. Sem dúvida, eles ficarão desapontados, mas não para sempre. Afinal, você conseguiu conciliar a agenda de cada um, só vai demorar mais um pouquinho. Edição 2053, 26/03/2008. (Artigo de opinião)

Também no *corpus*, foram encontrados, ainda, alguns usos da construção *querer + dizer (quer dizer)* com o sentido de *significar* e um uso dessa construção como marcador discursivo. *Quer dizer (significar)* aparece 4 (quatro) vezes nos artigos de opinião e 6 (seis) nas entrevistas. O único uso como marcador discursivo é também das entrevistas e tem a função de retificar o que havia sido dito. Os trechos seguintes exemplificam esses casos:

- (2) O grande divisor de águas é o que fazer com o lado profissional do ensino, versus o lado acadêmico. Ademais, alguns países oferecem vertentes mais fáceis e aplicadas (o que não **quer dizer** profissionalizantes) e vertentes mais acadêmicas e teóricas. Edição 2006, 02/05/2007. (Artigo de opinião. Uso de *quer dizer* com sentido de *significar*)
- (3) Veja – *Em sua avaliação, a absolvição do senador Renan Calheiros foi uma decisão correta dos senadores?* Garibaldi – A absolvição de Renan penalizou o Legislativo. Mas é uma questão difícil. Quero ter todo o cuidado de falar de uma pessoa que era colega. **Quer dizer**, é colega. Ele anda aparecendo menos, mas ainda está lá. [...]. Edição 2054, 02/04/2008. (Entrevista. Uso de *quer dizer* como marcador discursivo)

O uso de *querer* em construções desse tipo está bastante firmado e alguns autores, como Dias (2007), por exemplo, já discutiram a respeito de *quer dizer* como um item em processo de gramaticalização. De fato, o resultado de nossas análises sugere que o verbo *querer*, nessas construções, apresenta vários traços de auxiliaridade e, com base na proposta de Heine (1993), ele pode ser classificado no Estágio E do contínuo *Verb-to-TAM*.

É oportuno destacar que o verbo *querer*, em nosso *corpus*, revelou usos que o classificam entre os estágios B e E no contínuo *Verb-to-TAM*. Não foram constatados usos que nos permitissem classificar esse verbo no Estágio A (em que os itens verbais são considerados plenos) e nem nos Estágios F e G (nos quais o item verbal já se tornou um afixo ou flexão). Desse modo, o Estágio E refere-se ao estágio mais avançado em que se encontra o verbo *querer* e é exatamente nele que estão *todas* as ocorrências de *quer dizer* (com sentido de *significar* ou como marcador discursivo).

Por conseguinte, podemos deduzir que, de modo geral, é nessas construções (*quer dizer*) que o verbo *querer* apresenta um maior número de características de auxiliaridade, entre aquelas propostas por Heine (1993). As características observadas foram:

- (a) O uso do verbo com complemento não-finito (neste caso, com o infinitivo *dizer*);
- (b) A perda de conteúdo lexical;
- (c) A forte associação entre os dois verbos (*quer + dizer*), que não podem mais ser separados por um outro elemento;
- (d) A perda da capacidade de expressar, simultaneamente, as distinções de tempo, aspecto e modo;
- (e) O verbo e o complemento representam um só unidade semântica (*quer + dizer = significar*, em alguns contextos);
- (f) O verbo *querer*, neste caso, não apresenta mais um substantivo como complemento;
- (g) O verbo apresenta como complemento apenas um tipo de forma verbal não-finita: ele aceita apenas o infinitivo, e nunca o gerúndio ou o particípio.

Entre os dados das entrevistas, há dois casos com o uso de *querer + saber* (*quer saber*) com o sentido de “interessar-se” ou “importar-se”. O uso de *querer* nesse tipo de construção foi também detectado por Cezario (2001). A autora explica que, entretanto, ao contrário do que acontece com *quer dizer*, em *quer saber* os verbos *querer* e *saber* ainda estão independentes:

- (4) [É nas favelas que o tráfico impõe a lei do silêncio, exige que as pessoas durmam com os portões abertos, obriga moradores a esconder uma arma em casa ou a abrigar o próprio criminoso lá dentro. O pior é que a permanência dessa situação é favorecida, em parte, por cidadãos comuns, que às vezes nem se dão conta de que seus atos beneficiam os criminosos]. Veja – *Que atos?* Beltrame – Vou dar um exemplo. Um cidadão está numa festa cheirando cocaína, chega à rua e vê que seu carro foi roubado. Ele vai à delegacia reclamar, mas não ***quer saber*** que roubaram o carro dele para vender as peças e comprar pó. [...] Edição 2032, 31/10/2007. (Entrevista. Uso de *quer saber* com o sentido de “interessar-se”, “importar-se”).
- (5) Veja – *Outra crítica que se faz é que o Ministério da Fazenda se tornou tolerante à inflação ao defender, neste ano, a meta de 4,5% para 2008 e 2009, um índice superior à inflação que já existia.* Mantega – [...] Como podem dizer que defendo a inflação se ela hoje é inferior à da era Palocci? O controle da inflação independe de grupos políticos. Se no futuro for eleito um presidente irresponsável, ele terá de se submeter a regras consolidadas ou será "impichado". Ninguém ***quer mais saber*** de déficit público ou de inflação. Edição 2038, 12/12/2007. (Entrevista. Uso de *quer mais saber* com o sentido de “interessar-se”, “importar-se”).

No que tange aos estágios do contínuo *Verb-to-TAM*, a análise dos dados apontou os seguintes resultados para o verbo *querer*:

	Estágio A		Estágio B		Estágio C		Estágio D		Estágio E		Estágio F		Estágio G	
	APLIC	%	APLIC	%	APLIC	%	APLIC	%	APLIC	%	APLIC	%	APLIC	%
Artigos de opinião	0	-	10	18,51	2	3,7	38	70,37	4	7,40	0	-	0	-
Classificação	-		2º		4º		1º		3º		-		-	
Entrevistas	0	-	25	16,89	17	11,48	95	64,18	11	7,43	0	-	0	-
Classificação	-		2º		3º		1º		4º		-		-	

Tabela 1: Resultado da classificação do verbo *querer* no contínuo *Verb-to-TAM*.

A tabela 1 apresenta a porcentagem dos dados em cada um dos estágios e a ordem de classificação dos resultados, ou seja, qual dos estágios é o 1º, o 2º, o 3º ou o 4º no índice de ocorrência de dados.

O gráfico 1 expõe, de forma comparativa, os estágios em que foram classificados os dados com o verbo *querer* nos artigos de opinião e nas entrevistas:

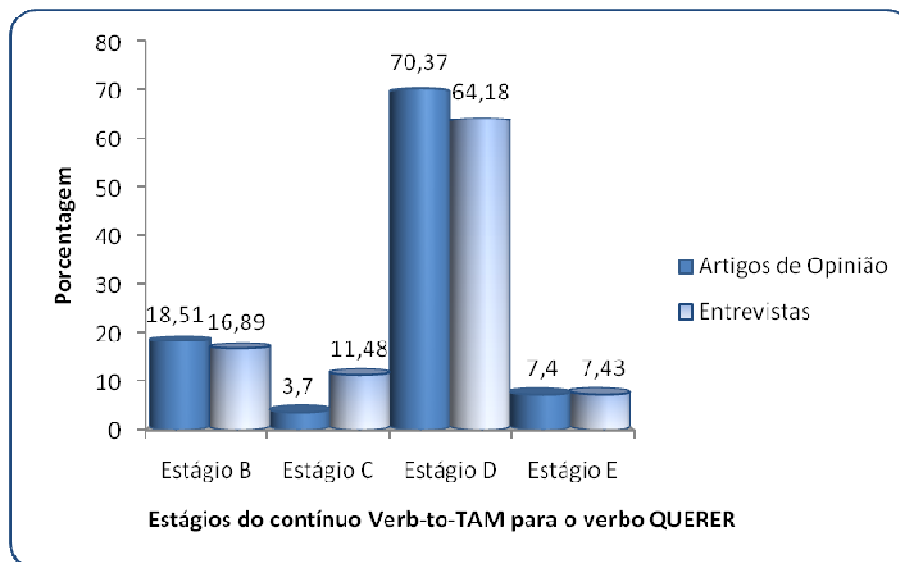


Gráfico 1: Estágios do contínuo *Verb-to-TAM* para o verbo *QUERER*.

Como se nota, com base na tabela 1 e no gráfico 1, o Estágio D é o que concentra o maior índice. Mais da metade dos dados do verbo *querer*, nos dois gêneros, foi classificada nesse estágio, com percentuais relativamente próximos.

No Estágio D, de acordo com Heine (1993, p.61), estão os verbos comumente referidos pelos gramáticos como “defectivos”, ou seja, a característica mais marcante desses verbos é o seu status “deategorizado”. Segundo o autor, um verbo com status deategorizado tende, tipicamente, a perder sua capacidade de formar imperativos, de ser nominalizado ou de *ficar na voz passiva*.

No caso do verbo *querer*, encontramos-nos com uma situação especial: esse verbo, originalmente, não permite apassivação com equivalência semântica. Ou seja, não se trata de ter se instaurado ou não um processo de gramaticalização. Antes disso, é característica de *querer* não admitir a transformação para a voz passiva sem alteração de sentido. Lobato (1975, p. 48) já havia observado esse fato ao assegurar que com os “modais de volição”, entre eles o *querer*, “a incidência sobre uma passiva é possível, mas não há possibilidade de colocar o enunciado na ativa conservando o mesmo conteúdo semântico”, como acontece em “Você quer ser contratado por eles”/ “Eles querem contratar você”, que não formam orações semanticamente correspondentes.

Hauy (1983, p.181-182), ao tratar da conversão de vozes, declara que:

[...] nem sempre há perfeita correspondência entre diferentes estruturas de vozes de um mesmo verbo, e não se deve, também, entender a conversão da ativa para a passiva como uma transformação estrutural comum a todos os verbos transitivos diretos. [...] há casos, por exemplo, de verbos transitivos diretos, não denotativos de ação, cuja conversão é absolutamente teórica e forjada.

Considerando as orações “Possuo alguns exemplares dessa obra”, “O povo *quer* reformas” e “A criança tem brinquedos”, *seriam construções extravagantes e, sem dúvida, não equivalentes às anteriores*, se identificássemos como suas passivas as estruturas: “Alguns exemplares dessa obra são possuídos por mim.”, “Reformas *são queridas* pelo povo” e “Brinquedos são tidos pela criança” (grifos nossos).

Em vista disso, deparamo-nos com dois caminhos possíveis, porém, contrários:

- (a) admitir que a impossibilidade de apassivação com equivalência semântica é uma propriedade intrínseca ao verbo *querer* e que, por isso, não se trata, necessariamente, um indício de auxiliaridade. Nesse caso, deixaríamos de atribuir pontuação a essa característica durante a análise (característica 14 do Estágio D), ou
- (b) admitir que, exatamente por ser essa uma propriedade intrínseca e, logo, constante e própria do verbo em questão, a impossibilidade de apassivação com equivalência semântica não poderia ser desconsiderada. Ou seja, assumiríamos essa como uma característica *fixa* do verbo *querer* e que, por conseqüência,

deveria ser pontuada em *todos* os dados, independentemente de haver ou não complemento e do tipo de complemento.

Decidimos, mesmo diante dos riscos, pela segunda possibilidade. Com isso, a característica número **14** do Estágio D (O verbo perde sua capacidade de formar imperativos, de ser nominalizado ou de ficar na voz passiva) foi marcada em todas as ocorrências do verbo *querer*.

O Estágio B é o segundo com o maior número de dados, tanto nos artigos de opinião como nas entrevistas. Também nesse estágio, os dois gêneros apresentaram resultados que se aproximam numericamente. No entanto, é necessário ressaltar que entre o primeiro e o segundo estágios com maior índice – D e B, respectivamente –, há uma considerável distância em termos de valor percentual e o Estágio D é, isoladamente, aquele que mais representa a forma como o verbo *querer* tem sido usado pelos falantes do português brasileiro nos gêneros investigados.

Outra questão deve ainda ser notada com relação aos estágios B e D: o Estágio B, de acordo com Heine (1993), é aquele em que começa a auxiliaridade. Porém, no Estágio B, os verbos ainda são considerados plenos. Por sua vez, no Estágio D, os verbos já revelam vários traços de auxiliar. Ou seja, com base nos resultados, podemos deduzir que, embora o verbo *querer* esteja, em muitos casos, sendo usado como algumas características de auxiliaridade (Estágio D), ele mantém outros usos como verbo pleno (Estágio B). Segundo Heine (1993), esse é um fato plenamente viável. O autor esclarece que os verbos podem combinar, simultaneamente, mais de um estágio ao longo do contínuo *Verb-to-TAM*, o que significa dizer que eles ora são usados como verbos principais, ora são usados como verbos com valor mais gramatical.

Por fim, nos dois gêneros, os resultados apontaram um pequeno, mas significativo, número de dados que podem ser classificados nos Estágios C e E. Este último foi o estágio mais avançado, dentro do contínuo *Verb-to-TAM*, alcançado pelo verbo *querer*.

A elevada concentração de dados no Estágio D, intermediário no contínuo *Verb-to-TAM*, além de relevantes porcentagens nos Estágios B, C e E, indica que o verbo *querer* tem sido recorrentemente usado com algumas características de auxiliaridade verbal. Isso não significa, porém, que ele percorrerá todo o contínuo e chegará ao Estágio G. Como observou Heine (2003), nem todos os casos de gramaticalização caminham até o último estágio e, muitas vezes, pode ser que o item lexical, neste caso o verbo, se detenha em algum dos estágios intermediários.

Deve-se levar em conta, ainda, que esta análise está restrita a textos produzidos por falantes com nível superior de escolaridade ou que ocupam posição de prestígio ou destaque na sociedade e que, desse modo, apresentam ou buscam demonstrar certo domínio da língua, o que, de certo modo, confere certa formalidade aos textos e pode interferir nos resultados. Um estudo com falantes de outros níveis de escolaridade, com textos produzidos em outros gêneros e veiculados em outros meios que não a revista, pode, por certo, revelar outros resultados.

Com relação às características pontuadas em cada estágio, o verbo *querer*, nos artigos de opinião e nas entrevistas, mostrou os resultados descritos na tabela 2:

Estágio	Características		Porcentagem apresentada			
			Artigos de opinião		Entrevistas	
			APLIC	%	APLIC	%
A	01	O verbo apresenta significado lexical completo.	50	92,59%	139	93,91%
	02	O complemento do verbo é um objeto concreto.	3	5,55%	4	2,70%
B	03	O complemento do verbo refere-se a uma situação dinâmica e não a uma entidade.	35	64,81%	100	67,56%
	04	Embora também aceite complementos nominais, o item verbal apresenta como complemento verbos não-finitos: infinitivo, gerúndio ou particípio.	36	66,67%	90	60,81%
	05	O sujeito, entre o verbo e o complemento, não é idêntico.	3	5,55%	12	8,10%
	06	O complemento consiste de uma construção clausal em vez de um verbo na forma não-finita.	3	5,55%	14	9,45%
C	07	O sujeito não é um referente humano.	18	33,33%	16	10,81%
	08	O verbo expressa apenas as noções de tempo, aspecto ou modo (ou seja, começa a perder conteúdo lexical).	4	7,40%	7	4,73%
	09	O verbo está fortemente associado ao seu complemento na forma não-finita. Ainda que o complemento seja um substantivo, é provável que ele se refira a uma atividade ou denote um evento.	34	62,96%	80	54,05%
	10	O sujeito, entre o verbo e o complemento, é idêntico.	35	64,81%	88	59,46%
	11	O verbo e o seu complemento referem-se ao mesmo tempo.	31	57,40%	36	24,32%
	12	A capacidade do verbo de expressar, simultaneamente, as distinções de tempo, aspecto e modo ("TAM distinctions") é, de certa forma, reduzida, ainda que por razões de compatibilidade semântica ou morfológica.	4	7,40%	8	5,40%
	13	O verbo e o complemento representam uma só unidade semântica.	2	3,70%	7	4,73%
D	14	O verbo perde sua capacidade de formar imperativos, de ser nominalizado ou de ficar na voz passiva.	54	100%	148	100%
	15	O verbo não apresenta mais um substantivo como complemento.	4	7,40%	7	4,73%
	16	O verbo tem como complemento apenas um tipo de forma verbal não-finita.	3	5,55%	7	4,73%

E	17	O item verbal perde sua capacidade de ser negado.	3	5,55%	12	8,10%
	18	Os processos de <i>erosão</i> e de <i>clitização</i> começam a ser desencadeados e, como efeito, o verbo, além de perder substância fonológica, perde também seu <i>status</i> de palavra.	0	0	0	0
F	19	O complemento do verbo passa a ser interpretado como verbo principal.	0	0	0	0
	20	O <i>status</i> do item verbal muda de clítico para afixo.	0	0	0	0
G	21	O verbo original torna-se simplesmente um marcador gramatical incapaz de apresentar tom ou intensidade. O que era um afixo no Estágio F torna-se agora uma flexão.	0	0	0	0

Tabela 2: Porcentagem de ocorrência das características de cada estágio do contínuo *Verb-to-TAM* para o verbo *QUERER*.

No Estágio A, a característica de número **1** (O verbo apresenta significado lexical completo) é a mais pontuada pelo verbo *querer* nos gêneros investigados. Lobato (1975), em seus estudos, já havia sublinhado que o verbo *querer*, independentemente de ser seguido de uma forma verbal ou nominal, conserva sempre toda a sua carga sêmica. Isso se ratifica na maior parte dos dados do nosso *corpus*, sendo exceções, apenas, os usos de *quer dizer* com o sentido de *significar* e como marcador discursivo. Cezario (2001), tratando também desse verbo, assegura que, em suas análises, o sentido de *querer* manteve-se preservado, embora ele apresente usos bastante adiantados no processo de gramaticalização.

No Estágio B, para os dois gêneros, as porcentagens maiores se reúnem nas características de número **3** (O complemento do verbo refere-se a uma situação dinâmica e não a uma entidade) e **4** (Embora também aceite complementos nominais, o item verbal apresenta como complementos verbos não-finitos: infinitivo, gerúndio ou particípio). A única forma nominal que acompanha o verbo *querer*, em nosso *corpus*, é a infinitiva. O uso de *querer* seguido de infinitivo ocorre em 66,67% (sessenta e seis vírgula sessenta e sete por cento) dos dados dos artigos de opinião e em 60,81% (sessenta vírgula oitenta e um por cento) dos dados das entrevistas.

No Estágio C, novamente para os dois gêneros, as características mais pontuadas foram as de número **9** (O verbo está fortemente associado ao seu complemento na forma não-finita), **10** (O sujeito, entre o verbo e o complemento, é idêntico) e **11** (O verbo e seu complemento referem-se ao mesmo tempo). A característica de número 11, nos artigos de opinião, apresentou mais do que duas vezes o percentual observado nas entrevistas.

A característica **7** (O sujeito não é um referente humano), também do Estágio C, apresentou-se três vezes mais recorrente nos artigos de opinião do que na entrevistas. Uma possível justificativa pode ser o fato de que, nos artigos de opinião, os autores dos textos expõem suas reflexões a respeito não somente de pessoas, mas, principalmente, de

instituições, países, eventos, etc., e acabam conferindo a esses referentes não-humanos vontades e atitudes com relação às situações como, por exemplo, em *O MEC quer ensinar...*, *A ONG quis institucionalizar...*, etc.

Lobato (1975) atesta que alguns verbos, como o *querer*, apresentam restrição de sujeito e, conforme a autora, só se relacionam com sujeitos [*animados*], [*potentes*] e [*humanos*]. Porém, como mostram nossos resultados, esse verbo, em muitos casos, não oferece mais essa restrição:

- (6) [...] Dizem que quero aparecer, mas o fato é que ninguém lê o *Diário Oficial*. A mídia **quer** notícia? Eu dou notícia. Edição 2090, 10/12/2008. (Entrevista. Uso de *querer* com sujeito não-humano)

Em situações cotidianas, inclusive, é comum usarmos o verbo *querer* com sujeitos [- *animados*], [- *potentes*], [- *humanos*], como acontece em “*A TV não quer ligar*” ou “*A porta não quer abrir*”, o que evidencia que esses são traços cada vez mais comuns para esse verbo.

Conforme já explicado, no Estágio D, para os dois gêneros, a característica de número **14** (O verbo perde sua capacidade de formar imperativos, de ser nominalizado ou de ficar na voz passiva) foi atribuída a todos os dados, já que o verbo *querer* não admite apassivação com equivalência de sentido.

Ainda que o verbo *querer* só aceite como complemento não-finito o infinitivo, a característica **16** (O verbo tem como complemento apenas um tipo de forma verbal não-finita) do Estágio D foi marcada apenas nos casos da construção *quer dizer* com o sentido de *significar* e como marcador discursivo, pois entendemos que, nos demais casos, o verbo *querer*, embora esteja seguido de infinitivo, pode aceitar como complemento, também, um substantivo. É diferente do que ocorre com *quer dizer*, que já se tornou uma construção fixa na qual *querer* é, invariavelmente, seguido de infinitivo e não de qualquer outro complemento.

No Estágio E, a única característica pontuada, tanto para os artigos de opinião como para as entrevistas, foi a de número **17** (O item verbal perde sua capacidade de ser negado). Esse traço foi atribuído, na maioria das vezes, às construções do tipo *quer dizer*, que não podem ser separadas por negação.

Os dados com o verbo *querer*, nos dois gêneros – artigo de opinião e entrevista – não apresentaram características dos Estágios F e G.

Considerações

Intencionamos observar, nesta pesquisa, a partir da perspectiva funcionalista, como o verbo volitivo *querer* tem sido usado em artigos de opinião e entrevistas, ambos gêneros textuais do domínio discursivo jornalístico. A partir da análise empreendida, classificamos os usos identificados para esse verbo ao longo do contínuo *Verb-to-TAM* proposto por Heine (1993).

Tendo por base a afirmativa de que *verbo pleno* e *verbo auxiliar* não constituem categorias discretas, o autor propõe existir sete diferentes estágios, de A a G, que caracterizam a transição gradual de verbo pleno a flexão, passando pelas etapas de auxiliaridade verbal. Nesse aspecto, o trabalho de Heine (1993) parece dar conta das limitações, e até mesmo das divergências, que encontramos nas gramáticas tradicionais quando o assunto é auxiliaridade verbal: entre os gramáticos, não há acordo quanto ao número de verbos auxiliares no português e quanto às características que os definem. Para alguns, esses verbos se resumem a *ter* e *haver*, para outros, ao contrário, os auxiliares constituem listagens abertas.

Desse modo, nosso estudo contribui para essa questão na medida em que, ao aplicar a proposta de Heine (1993), apontamos que é possível tratar dos itens verbais sem impor uma rigidez taxionômica e que, além disso, um mesmo item verbal pode, indubitavelmente, transitar em linhas mais próximas ora ao léxico ora à gramática.

Entretanto, não tivemos a pretensão de exaurir o tema. Muito há ainda que se pesquisar a respeito do assunto e pretendemos fazê-lo num próximo momento: seria interessante, por exemplo, observar o uso desse verbo em gêneros de outros domínios discursivos ou, ainda, o uso desse verbo nos mesmos gêneros, porém, colhidos de outras instituições que não a Veja.

Referências

BRINTON, Laurel J.; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Lexicalization and language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

CEZARIO, Maria Maura. *Graus de integração de cláusulas com verbos cognitivos e volitivos*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

DIAS, Nilza Barrozo. Gramaticalização de construções. In: GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina (orgs.). *Introdução à Gramaticalização*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa*. 6. ed. rev. amp. Curitiba: Posigraf, 2004.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 157-176.
- GIVÓN, Talmy. *Syntax: an introduction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001, v. 01.
- HAUY, Amini Boainain. *Da necessidade de uma gramática-padrão da língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 1983.
- HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike; HÜNNEMEYER, Friederike. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.
- HEINE, Bernd. *Auxiliaries: Cognitive Forces and Grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 1993.
- HEINE, Bernd. Grammaticalization. In: JOSEPH, Brian D.; JANDA, Richard D. *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003.
- HOPPER, Paul J.; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- LOBATO, Lúcia Maria Pinheiro. Os verbos auxiliares em português contemporâneo. Critérios de auxiliaridade. In: LOBATO, Lúcia Maria Pinheiro; POTTIER, Bernard; D'INTRONO, Francisco; LOFFLER-LAURIAN, Anne-Marie; VIDAL, Anne Marie. *Análises linguísticas*. Petrópolis: Vozes, 1975.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CEZARIO, Maria Maura. *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo; AREAS, Eduardo Kenedy. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: *Linguística Funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p.17-28.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo; CEZARIO, Maria Maura; WILSON, Victória (orgs.). *Linguística: fundamentos*. Rio de Janeiro: CCAA Editora, 2006. p. 231-265.